

Os Incas

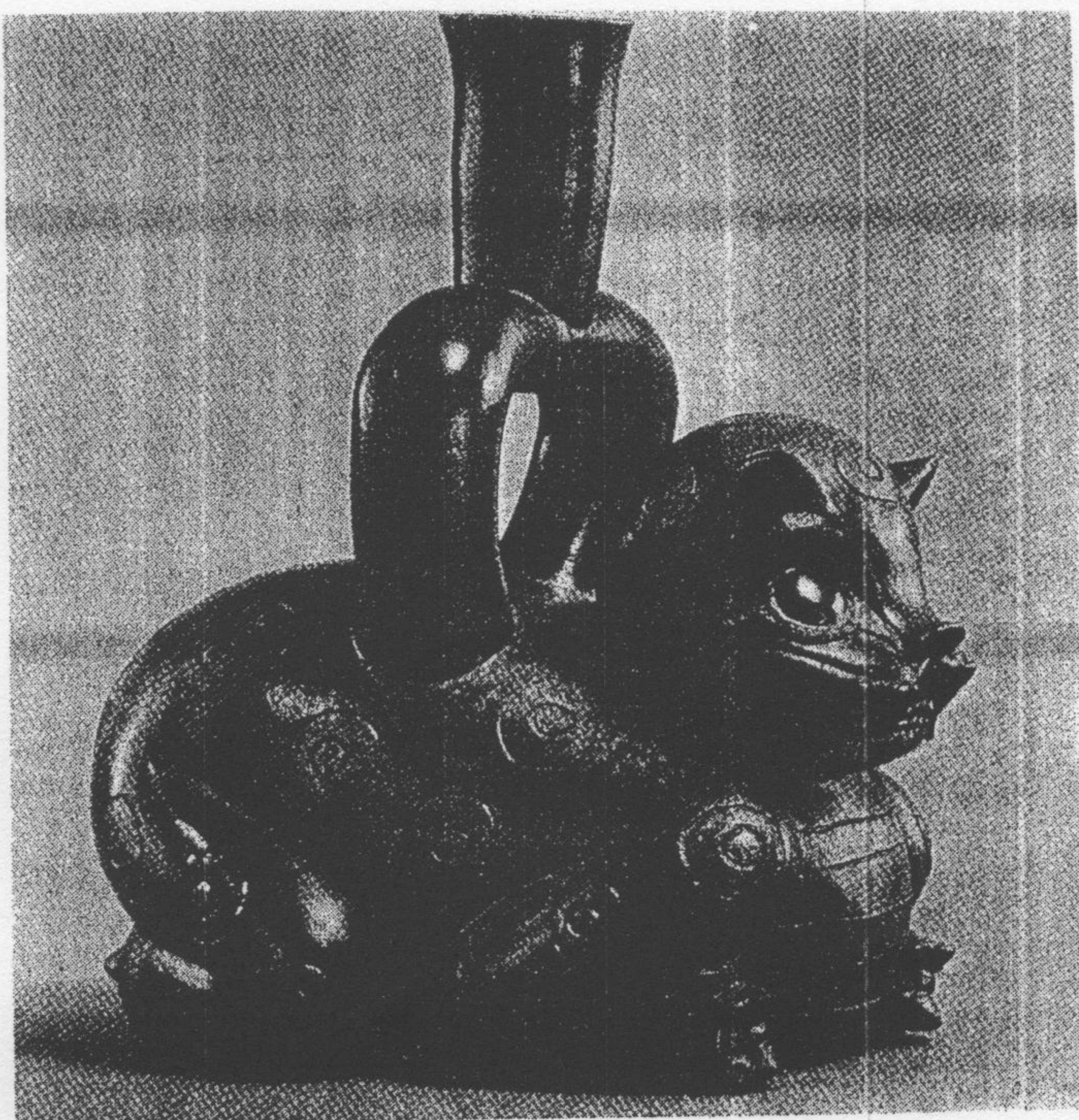
1. ORIGENS

Também aqui alguns estudiosos fizeram conjecturas sobre a origem asiática desse povo, o que não deve ser confundido com o Império que ele construiu. Talvez teriam sido os sobreviventes de uma civilização que naufragou no Oceano Pacífico, da qual a Ilha da Páscoa seria um mudo e misterioso sobrevivente e testemunha.

Existem inúmeras provas da existência de contatos entre os indígenas americanos da costa do Pacífico e os habitantes da Polinésia. Os idiomas quechua e maori (este último falado pelos polinésios) apresentam semelhanças notáveis. A batata-doce, que se presume ser de origem americana, também é encontrada naquelas remotas áreas do Pacífico. O algodão do nosso continente seria o resultado do cruzamento de uma fibra asiática e o algodão selvagem do Peru.

No Império Inca (aplicando, agora, adequadamente a palavra Império), constatamos as seguintes civilizações que precederam:

- **CHAVIN.** Localizada na serra e na costa central do Peru. Muros enormes construídos sem argamassa e fantásticas esculturas geométricas são testemunhas de que algo importante se desenvolveu nesta região, provavelmente entre o século IV e VII da nossa era.
- **MANABI.** No litoral do Equador encontramos ainda as pequenas escavações e assentos de cadeira em forma de U talhados em pedra.
- **CHIMU.** Teria dominado o litoral norte do Peru e talvez parte do Equador. Resistiram tenazmente aos INCAS. Conheciam a escritura e, ao serem dominados pelos INCAS, estes a teriam eliminado. Ainda há vestígios de seu idioma. Desta civilização, os INCAS teriam copiado o sistema de transmissão de mensagens feitas a pé, com homens que levavam, correndo, as mensagens ou ordens para outros hierarcas subalternos, distantes da capital. As imagens, muito bem pintadas nas olarias onde faziam seus utensílios de barro, provam que conheciam o sistema de contar, numericamente,



Arte Chavin

mente, as coisas, através de nós em cordas, o que teria sido utilizado pelos INCAS para organizar um sistema estatístico que surpreende por sua perfeição.

• **CARAS.** Civilização que existiu no Equador, teve Quito como capital, e que teria chegado por mar. Adoravam o sol e a lua. Conheciam uma variante dos ábacos (um contador com pequenas esferas de madeira que faz várias operações aritméticas). Foram excelentes tecelões, curtidores e talhadores de esmeraldas. Mostravam a tendência de expansão em direção à atual Colômbia. Foram absorvidos pelos INCAS.

• **CUISMANCU.** Chamado "reino"; nos séculos XIII e XIV controlou os vales litorâneos do Peru, hoje denominados Lurin e Rimac (neste último se encontra Lima, capital do Peru). Ergueram santuários ao deus PACHACAMAC; construíram cidades, e seus oráculos tiveram muita reputação.

O Império Inca na época de seu apogeu



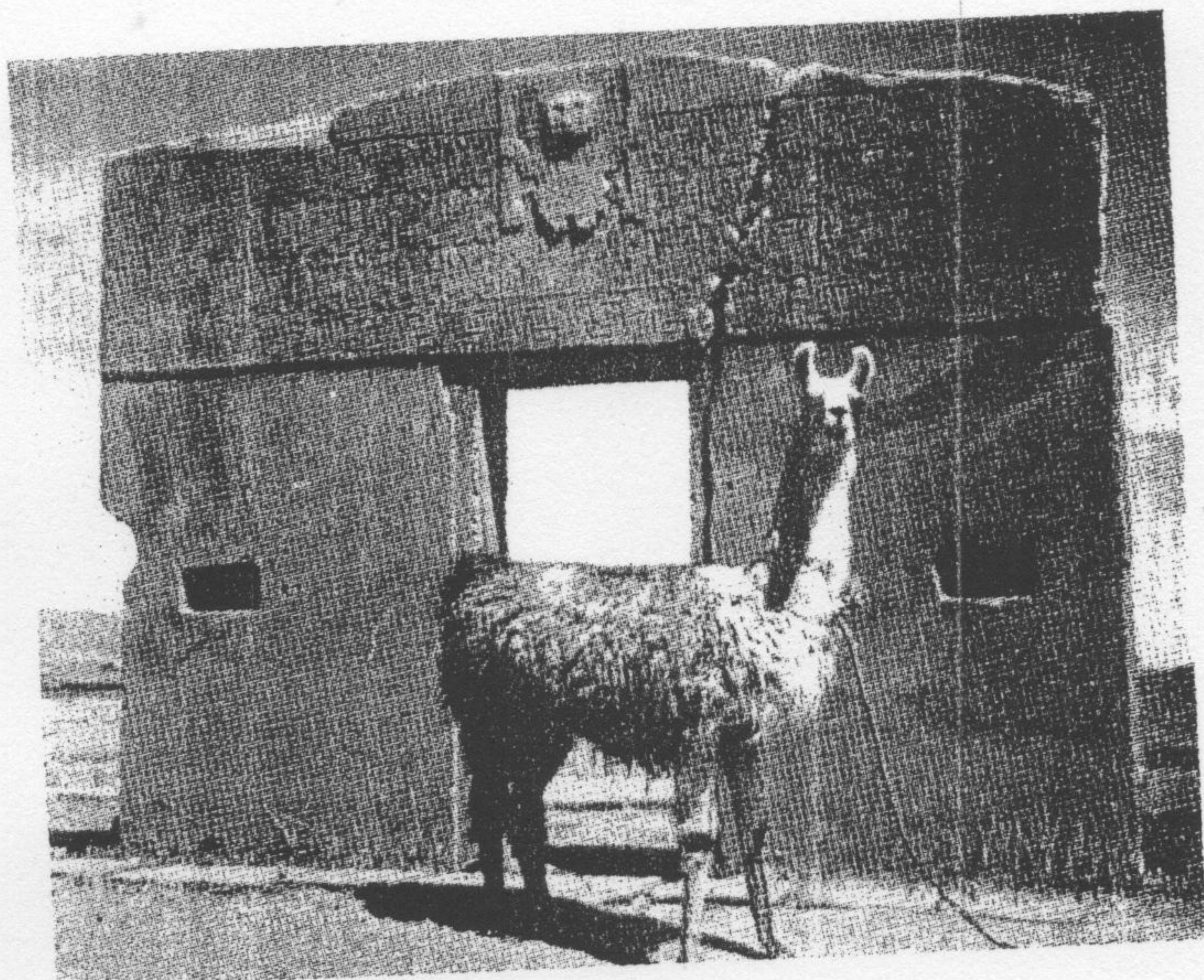
- A cerca de vinte quilômetros de Lima, em CAJAMARQUILLA, havia um povo de agricultores, caçadores e pescadores. Na mesma região, em Ancón (hoje praia para turistas), foram encontrados mais de 35.000 objetos que provam a existência de uma civilização anterior aos INCAS, que realizava intercâmbios com civilizações de outras regiões.

- Ao sul dos territórios CUISMANCU, povos agricultores fertilizavam a terra com cabeças de peixe (sardinhas) enterradas conjuntamente com os grãos de milho. O inca Garcilaso de la Vega, grande escritor mestiço (filho de índia e espanhol) ficou impressionado com os conhecimentos de construção de canais de irrigação destes povos.

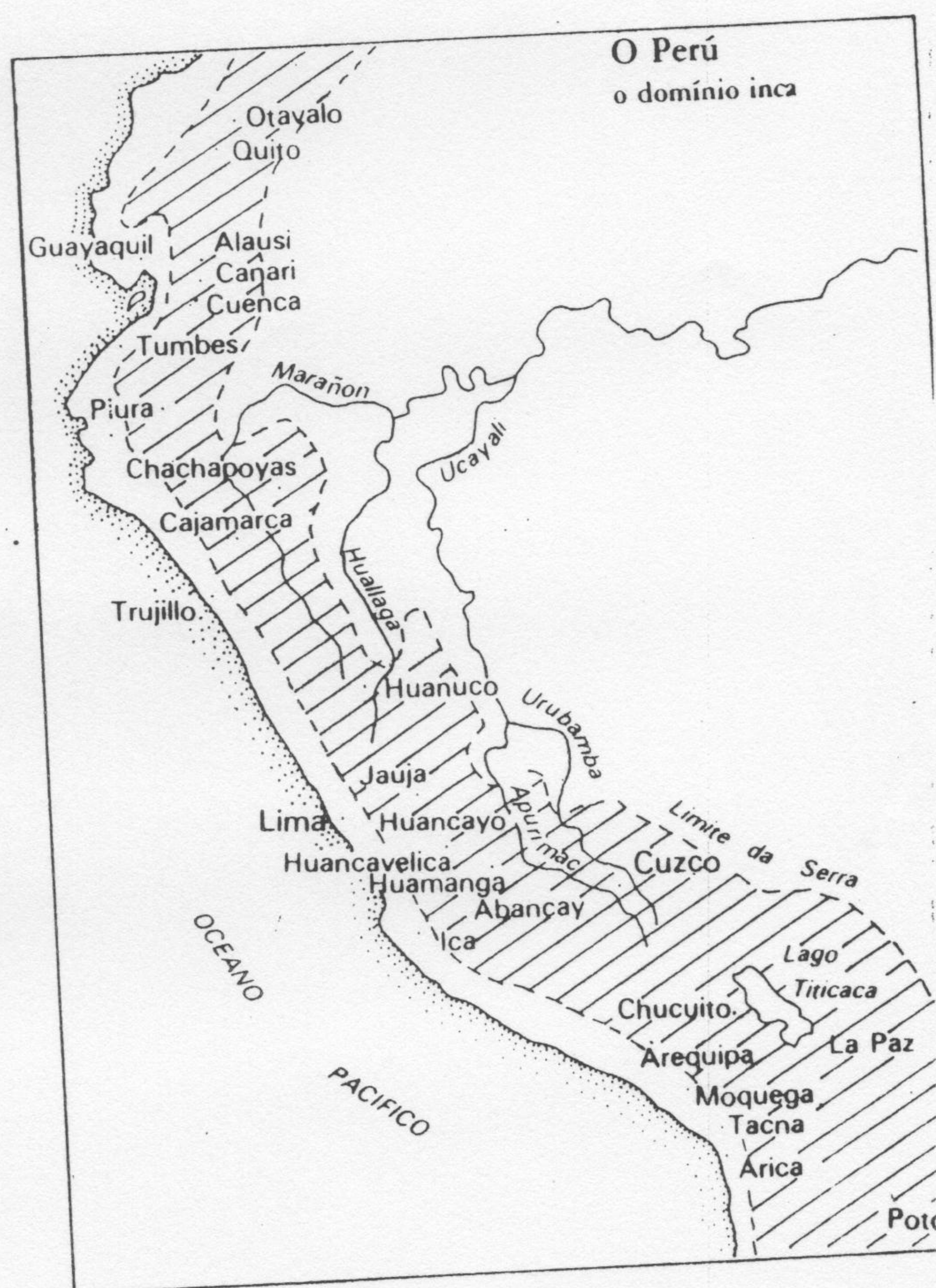
- No vale de Huarco (hoje Cañete) encontramos uma importante fortaleza que, durante um certo tempo, deteve a marcha conquistadora dos INCAS. Está localizada no litoral sul do Peru. Mais ao sul, nas cidades de ICA e NAZCA, encontrava-se um dos mais importantes centros de fabricação de cerâmica da América pré-colombiana. Os INCAS tiveram que lutar muito para dominar aos CHINCHAS (que era o nome dos ceramistas) que, além de trabalhar com a cerâmica, sabiam construir excelentes canais de irrigação. Para deter o inimigo, não vacilaram em destruir os canais.

- TIAHUANACO. É um dos mais admiráveis monumentos do passado americano, localizando-se a uns 90 km da cidade de La Paz, em uma vasta planície que se eleva a 4.000 metros de altura. A civilização que aí se desenvolveu corresponde aproximadamente ao século X de nossa era. Uma lenda Aimará diz: *antes que as estrelas brilhassem no firmamento, Tiahuanaco já existia*. Ruínas de templos, palácios, casas, cemitérios, etc, nos falam de um momento crucial no processo civilizatório da América. Grande parte da simbologia que encontramos em outras civilizações do continente está contida nos monumentos desta cidade, que os índios diziam ser anterior ao dia em que o deus VIRACOCHA criou as estrelas, livrando o mundo das trevas.

Não esgotamos a lista de povos. Mas, o dito até agora nos mostra que o povo INCA constituiu seu Império dominando várias civilizações preexistentes, cada uma com sua particularidade, com suas conquistas materiais e espirituais, seus deuses e idiomas. A dominação incaica ia do sul da Colômbia até o rio Maule, no Chile, na região em que hoje se localiza a cidade de Concepción. Para o leste, as fronteiras do Império foram a floresta amazônica, e incluíram as altas terras da Bolívia, norte e centro-oeste da Argentina, a parte mais considerável do Peru e quase toda república do Equador. Os INCAS se apoderaram dos melhores produtos das civilizações que os precederam, e os colocaram a serviço do mais impressionante sistema de dominação construído na América que antecedeu à conquista.



A Porta do Sol, Tiahuanaco.



Grupos Étnicos — População — Idiomas

O Império INCA tinha, aproximadamente, 15 milhões de pessoas e quatro grupos de povos:

- Os CHIMU, sobre os quais já falamos;
- Os URUS, vindos, presumivelmente, da região amazônica e que viviam nas proximidades do Lago Titicaca;
- Os QUECHUAS, formando a maior massa do Império;
- Os AIMARÁS, prováveis fundadores de Tiahuanaco, viviam nas regiões sul e leste do lago Titicaca.

O padre Acosta afirma que falava-se mais de 700 idiomas e dialetos no Império. Alguns ainda sobrevivem. No momento da conquista eram dominantes o quechua, aimará e uru. Este último já se extinguiu, diferentemente dos outros dois.

ARTE DE LA LENGVA GENERAL DEL YNGA llamada Quechhua.

COMPUESTO
POR EL BAC.D. ESTEVAN
*Sancho de M. lgar natural de esta Ciudad
de los Reyes Cathedratico de dicha Lengua
en esta Santa Iglesia Metropolitana, y
Examinador Synodal de ella en
este Arçobispado.*

CONSAGRALE
A DON FRANCISCO DE
Oyague Cauallero del Orden de Santia-
go Contador Juez Oficial Real del Tri-
bunal mayor de Cuentas, y dignissimo
Mayordomo del Hospital de mi
Señora Santa Anna

CON LICENCIA.
Impresso en Lima, en la Calle de las Mantas
por Diego de Lyra Año de 1691.

Arte e vocabulário da língua quechua, 1691.

VOCABULARIO DE LA LENGVA A Y M A R A.

PRIMERA PARTE, DONDE POR ABE-
cedario se ponen en primer lugar los Vocablos de la lengua
Española para buscar los que les corresponden
en la lengua Aymara.

COMPUESTO POR EL P. LUDOVICO
*Bertenso Italiano de la Compañia de Iesus en la Provincia del Perú,
de las Indias Occidentales, Natural de la Roca contrada
de la Marca de Ancona.*

DEDICADO AL ILLVSTRISSIMO Y
Reuerendissimo Señor Don Fray Domingo Valderrama Con-
teno Maestro en santa Theologia, Arçobispo, y primer
Obispo de la Paz, del Consejo de su Magestad.

DEDITE IN LVCEM.



TRENUM TERRE. 1564.



GENTIVM VT SIS

SALVS MEVS VSO AD EX

Impresso en la casa de la Compañia de Iesus de Iuli Pueblo en la
Provincia de Chucuito. Por Francisco del Canto. 1613.

Esta es la forma de este Vocabulario en un Real cado pliego.

Vocabulário da língua aymará. Autor:
Padre Ludovico Bertenso, 1613.

2. OS QUIPOS

Eram cordões aos quais se amarravam cordãozinhos, paralelamente, ou partindo de um ponto comum. Os nós feitos significavam números, e as cores tinham significados determinados. No extremo inferior de cada cordãozinho faziam o nó que equivalia à unidade; depois vinham os nós equivalentes à dezenas, centenas, milhares e dezenas de milhares. Os QUIPOS continham o zero, que era identificado por um intervalo de corda sem nenhum nó.

Existiam QUIPOS "demográficos", como Baudin os denomina: para fazer o censo da população. As informações eram transmitidas da mais baixa escala do corpo de funcionários até chegar à mais alta hierarquia do Império e vinham de todas partes. O poder central conhecia a quantidade de homens, mulheres, crianças e velhos existentes em cada região; quantos indivíduos estavam aptos para o exército e quantos podiam trabalhar em obras públicas; quais eram as necessidades em armas, alimentos e roupas, ou o que, eventualmente estaria sobrando nestes ramos.

Através dos QUIPOS os INCAS elaboraram um admirável sistema estatístico relativo à população, produção e questões bélicas. Quem fazia a leitura dos nós eram os funcionários chamados QUIPUCAMAYUCS. Com os dados em suas mãos, o Estado Imperial criou o que hoje chamaríamos planejamento central da sociedade. Para isso precisou, é claro, de uma gigantesca burocracia que levasse, regularmente, as informações para a cúpula do poder, e transmitisse ao povo as determinações que emanavam dessa cúpula.

Os QUIPOS eram utilizados também para registrar fatos históricos e rituais mágicos. Eles eram a memória escrita do Império Inca. Sua perfeição foi tão grande que, talvez com certo exagero, um cronista disse que era impossível ocultar da autoridade a posse de um par de sandálias, pois tudo era minuciosamente in-



Cordas coloridas chamadas "quipos" manejadas por um alto funcionário inca.

ventariado, registrado e controlado, tanto os bens como as pessoas. Além disso, o funcionário que cometesse um erro no registro ou na leitura de um QUIPO pagava com a vida. Os INCAS não facilitavam em certas coisas.

Animais e Vegetais

A lhama, o guanaco, a vicunha e a alpaca serviram para transporte e forneceram lã e couro. Cachorros e pequenos porcos foram criados mas sua importância era bastante secundária.

O principal cereal, já o dissemos, era o milho; depois temos a batata-doce, o manco (um cereal hoje desaparecido), a quinua (um legume ainda bastante consumido, cujas folhas se come como o espinafre e cuja semente, muito abundante e miúda, como o arroz, é usada na sopa, sendo chamada pelos espanhóis de arroz pequeno), o tomate, a goiaba, a anona (futuro parecido com a maçã), o abacate, o amendoim, a yuca (espécie de mandioca), o ananás, etc.

Algumas plantas eram utilizadas como forragem para as lhamas. As casas eram cobertas com plantas entrelaçadas e, na fabricação do material para as paredes, usavam também componentes vegetais. Com a totora (uma planta, espécie de espadana que se cria em terrenos pantanosos) fabricavam — e ainda fabricam — embarcações utilizadas no lago Titicaca para navegações e pesca. Plantas, ervas e raízes medicinais merecem um capítulo especial.

3. O AYLLU

Numerosos estudiosos consideram o AYLLU (comunidade agrária) como a célula fundamental da sociedade incaica. A propriedade privada da terra teria inexistido no AYLLU; esta seria propriedade comunal e cada família-membro teria o direito ao usufruto de uma parte para sua manutenção. Também se atribuiu ao AYLLU o caráter de um sistema de organização do trabalho cooperativo. Todos se ajudariam entre si.

É provável que essa imagem do AYLLU fosse correta para as sociedades pré-incaicas, onde ainda não existiam sistemas de dominação solidamente estruturados. De fato, para o incaico, a verdade parece ser outra muito diferente. As terras eram do Inca, o Imperador, a este, através de uma ampla e complexa rede de funcionários, as distribuía entre os membros de cada AYLLU, fazendo o mesmo com a água de irrigação. A distribuição não era por AYLLU, mas por família, de modo que o referido coletivismo agrário se resolvia de maneira que cada família — como já foi dito — trabalhava sua parte de terra e recolhia o que ela produzia. Ao mesmo tempo, os membros do AYLLU tinham a obrigação de trabalhar gratuitamente em terras especiais, cuja totalidade do produto era tributada ao Inca e ao deus-sol. É até provável que um tributo adicional estivesse representado para manutenção dos burocratas que representavam o poder central, cuja função era vigiar rigorosamente pelo cumprimento de suas determinações.

Esta estrutura do AYLLU — por outro lado, mais heterogênea que o esquema que apresentamos — assegurava a submissão da massa camponesa e sua dominação por aqueles que representavam o poder: o clero e a burocracia (nem sempre bem diferenciados) em todos os seus níveis hierárquicos, até culminar no próprio Inca, o Imperador. O camponês que não se mostrasse submisso ou que se rebelasse, negando-se, por exemplo, a transferir-se a outras regiões (MITMAC) para trabalhar gratuitamente nas terras do Inca e do deus-sol, a manter os funcionários ou participar com seu esforço, também gratuito, na construção de obras públicas, enfrentava uma coação imperativa: ficava privado da terra e da água, ou recebia uma dotação que impossibilitava a subsistência de sua família.

Cada índio que se casava recebia um pedaço de terra, que aumentava com cada filho que nascia. Mas se nascesse mulher — e isto demonstra um menor valor atribuído à mulher na sociedade incaica — o pai só recebia a metade do tamanho da terra que seria dada se o nascido fosse homem. A terra atribuída em usufruto, chamada chácara, palavra que se incorporou ao idioma espanhol, era cultivada por outras pessoas do AYLLU se o usufrutuário estivesse prestando serviços fora dela, fossem civis ou militares. As terras cujo produto era in-

teiramente apropriado pelo Inca não tinham dimensões pré-fixadas e tendiam a ser as de maior superfície possível. Daí o fato das dotações dentro do AYLLU serem as mínimas indispensáveis para a subsistência dos camponeses. Por outro lado, como diz um notável estudioso: “Um sistema econômico individualista e secular, dificilmente pode engendrar um alto espírito comunitário”. Disto podemos concluir que o socialismo ou o comunismo incaico foi um mito, uma mistificação daqueles que o interpretaram de maneira errônea. Em realidade, o AYLLU, sob o controle do Estado incaico, se constituiu em um instrumento de dominação despótica. Manteve a população camponesa aglomerada em uma comunidade e, portanto facilitou sua vigilância e sua exploração, inclusive seu recrutamento para fins militares e para construção de obras de todos os tipos.



O Inca abre a estação dos trabalhos dos campos. Os príncipes que o acompanham estão descalços.

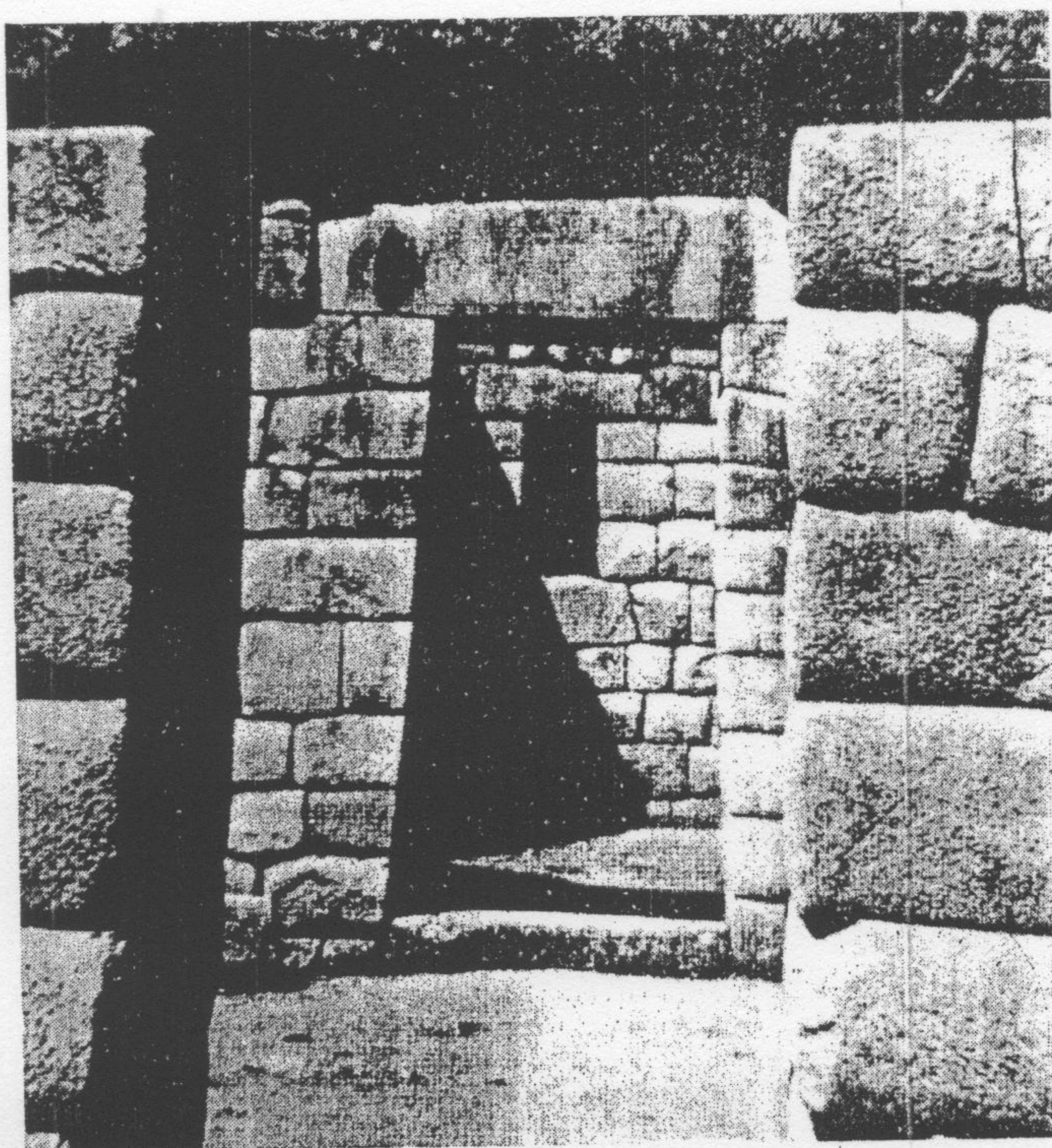
4. PRESTAÇÕES DE SERVIÇOS GRATUITOS FORA DO AYLLU

Camponeses e artesãos estavam obrigados a trabalhar gratuitamente na construção de palácios, centros cerimoniais, caminhos, canais de irrigação, terraços para o cultivo da agricultura nas encostas das montanhas, e muitos mais trabalhos que a complexa estrutura do Império requeria, tais como a manutenção de pontes, a guarda dos *tambos* (alojamentos e depósitos de alimentos escalonados ao longo dos caminhos), extração de minérios, correios, serviços religiosos, militares, etc.

O sistema de exploração das minas era feito por um processo de rotatividade da mão-de-obra — conduzida compulsivamente, tendo como remuneração apenas o alimento — chamado MITA. Os conquistadores espanhóis continuaram usando o mesmo processo e mantiveram o mesmo nome. A MITA, instituição incaica, passou integralmente ao serviço de dominação hispânica.

Um aspecto interessante a ser destacado é a racionalidade com que a força de trabalho era utilizada: partia-se do princípio de que cada grupo de indivíduos devia realizar aquilo para o qual tinha maior habilidade ou melhores conhecimentos prévios. Os bailarinos enviados a Cuzco para distração e diversão do Inca e sua corte pertenciam à tribo dos Chumbivilcas; os curandeiros eram recrutados entre os Colahuayas; os que carregavam a liteira imperial entre os Rucanas, e assim sucessivamente.

Para os chefes do Império, o trabalho permanente para as pessoas do povo também tinha outro significado. O Inca Huayna Capac, disse, sem hipocrisia: “Se faltar trabalho, que o povo mude uma montanha de um lugar para outro. Desta maneira, a paz reinará no reino”.



Detalhe de portas trapezoidais, Machu-Pichu.

Deslocamentos Populacionais Planejados

Quando houve necessidade de povoar terras virgens, reforçar regiões onde a mão-de-obra andava escassa, aliviar excessivas densidades populacionais e colocar gente de absoluta confiança no meio de povos de fidelidade duvidosa, o Estado Imperial deslocava compactos grupos humanos. Este fenômeno, que tinha o nome de MITMAC (os espanhóis chamaram-no de MITMAES), era o resultado da leitura analítica dos QUIPOS.

5. OS QUE MANDAM

O caráter despótico da dominação está bastante claro nas seguintes palavras que o Inca Atahualpa dirigiu ao conquistador Pizarro: “No meu reino, nenhum pássaro voa, nem folha alguma se move, se esta não for minha vontade”.

Nos postos mais elevados da hierarquia social e política encontramos uma autocracia teocrática hereditária. O Inca, soberano supremo, é ao mesmo tempo uma divindade, e transmite o poder a seus filhos. Na presença do Inca se humilham até os mais altos e nobres dignatários, obrigados a se apresentarem ante ele descalços, curvados e carregando um peso nas costas. São absolutos os direitos de vida e morte sobre seus súditos, qualquer que seja o nível social destes. O mito

de sua divindade foi habilmente construído e melhor ainda difundido entre o povo. Historiadores oficiais, escolhidos pelo Inca, escreviam duas histórias diferentes: uma para a nobreza e a hierarquia, outra para o povo. Esta última, cuidadosamente elaborada, excluía tudo que pudesse diminuir o respeito e a fidelidade ao soberano. Contadores de histórias e cantores populares (hoje os chamaríamos de meios de comunicação de massas), eram instruídos convenientemente sobre os temas de suas histórias e canções, e sobre o tratamento que devia ser dado. A derrota do Inca Urco frente aos Chancas foi totalmente ignorada pela história oficial.

Assim, religião, mitos, lendas e história foram deliberadamente fabricados por especialistas, visando a divinizar o Inca, fazendo com que sua vontade — e seus excessos — aparecessem como a vontade de um deus.

Abaixo do soberano, vinha uma complexa burocracia administrativa e militar que chegou a constituir, de fato, uma casta, por seu caráter hereditário. Os filhos desta casta recebiam uma educação adequada para mandar e administrar. Era uma educação complexa e bastante rigorosa, que compreendia o estudo intensivo da versão oficial da história, tal qual havia sido escrita para esses nobres. Dado o caráter guerreiro dos Incas, o preparo físico para a milícia era privilegiado, assim como o que hoje chamaríamos ciência militar: a arte da defesa e do ataque, das fortificações e cercos, a espionagem e a diplomacia, a correta disposição e utilização dos soldados, etc. Os escolhidos para mandar adoravam deuses que não eram os do povo ou povos dominados; estes conservavam a liberdade de adorar suas antigas e originais divindades, ainda que tivessem que aceitar como divindade suprema ao sol, o deus dos que mandam, e ao Inca, representante do sol na terra. Houve, pois, uma religião dos dominadores e múltiplas religiões dos dominados. Existem, ademais, boas razões para crer que além do deus sol, o Inca e seus nobres adoravam a uma divindade mais transcendental e definitiva chamada Viracocha ou Pachacamac, senhor supremo da criação e criador do próprio sol.

A faustosa corte do Inca, com seus milhares de servidores, e a hierarquia civil e religiosa viviam dos tributos que milhões de seres humanos de todo o Império entregavam ao Inca. Este recompensava seus dignatários de acordo com os méritos militares, religiosos e administrativos, sendo que as recompensas consistiam em terras, rebanhos de lhamas, objetos de arte, mulheres, roupas de luxo e o direito a viajar em liteiras conduzidas por carregadores, a exibir certos ornamentos e ocu-

par lugares privilegiados nas grandes cerimônias. Esta propriedade privada dos dignatários podia ser transmitida por herança mas não a herdeiros determinados pelo proprietário antes de sua morte, mas a todo o conjunto de seus descendentes. Considerava-se assim que os méritos acumulados em vida pelo morto não eram monopolizados e sim socializados. Desta maneira todos seus parentes estavam interessados que, enquanto o dignatário fosse vivo, seus serviços ao Inca fossem o melhor possível, porque deles dependiam a riqueza e as honras de todos.

Prescindimos da enumeração das categorias dos hierarcas civis e passamos agora a examinar brevemente o papel do clero. Já vimos a grande importância da religião no mecanismo de dominação. Digamos que o clero, da mesma maneira que a burocracia civil, estava diretamente subordinado ao Inca. Mais ainda: o supremo sacerdote costumava ser o irmão ou primo do próprio soberano, designado em assembléia de notáveis. Esta espécie de Papa era chamado VILLAC UMU e, logo abaixo dele, na hierarquia, havia dez prelados que poderíamos comparar aos bispos. O VILLAC UMU designava estes dez personagens e estes, por sua vez, escolhiam o clero em seus escalões mais inferiores. Faziam parte do aparato sacerdotal feiticeiros, oráculos, adivinhos, sacrificadores, intérpretes de sonhos, curandeiros, etc. Era uma imensa e intrincada rede que assegurava o culto ao sol e a seu representante vivo, o Inca. Para o sistema de dominação, todo esse conjunto que mantinha e transmitia mitos, lendas, tabus, normas, regulamentos e determinações, era absolutamente essencial, como era o sistema de funcionamento do AYL-LU que já explicamos.

Pontes e Caminhos

Esse imenso Império precisou de uma infra-estrutura que lhe permitisse circular, permanentemente, exércitos, MITMAC, funcionários, mensageiros, sacerdotes, alguns mercadores e, sobretudo, tributos. Apesar da difícil geografia, o que foi realizado em matéria de pontes e caminhos só pode ser qualificado de admirável. O cronista Cieza de León declara, perplexo, que o caminho que unia Quito a Cuzco, a capital do Império (milhares de quilômetros), jamais poderia ter sido construído na Espanha.

Os caminhos ziguezagueavam as montanhas gigantescas e deviam ter pontes suspensas cuja qualidade e segurança os conquistadores puderam verificar. Alguns caminhos separavam-se dos campos por um pequeno muro, para evitar que os exércitos em marcha depredassem ou prejudicassem a produção de alimentos. Em regiões onde a areia podia cobrir os caminhos, existiam alguns sinais perfeitamente identificáveis. Quando possível, plantavam pequenos bosques que serviam de descanso para os caminhantes e faziam depósitos d'água para aliviar a sede. Ao longo dos caminhos existiam casas chamadas TAMBOS, que continham alimentos, água e serviam de alojamento.

De que eram feitos esses caminhos ainda hoje utilizados, lá, onde a negligência do homem branco não destruiu? De uma espécie de laje fabricada com uma mistura de argila, pedras e folhas de milho...

6. OS DOMINADOS

Na parte dedicada ao AYLLU falamos do camponês comum, aquele que no Império era chamado LLACTA RUNA. Falamos de suas obrigações, de seus poucos direitos e de seus muitos deveres. Abaixo dele, existe uma categoria social chamada de Yanaconas, cuja origem era da sublevação da cidade de Yanacu, quando foram derrotados pelas tropas do Inca e condenados à servidão ou, num princípio, à escravidão que se tornava extensiva a seus descendentes. De certa maneira, poderíamos dizer que viviam fora dos quadros sociais; que não dependiam, como os LLACTA RUNA, dos funcionários ou clérigos, e que eram simplesmente propriedade de determinadas pessoas. Não eram escravos ou servidores para a produção, mas servidores domésticos. Não durou muito tempo para que, não poucos, perdessem esta condição e passassem a fazer parte das famílias às quais serviam. Excepcionalmente, alguns alcançaram méritos ou mostraram condições que elevaram-nos a altas posições. Não faziam parte dos censos, talvez por considerá-los menos humanos. No entanto, ao que tudo indica, seu destino foi menos árduo que o dos escravos nos impérios espanhol e portugueses.

Entre os artesãos especializados — que eram milhares — havia um elevado número que hoje seriam considerados como grandes artistas. Graças ao talento para esculpir, pintar, gravar, construir, fazer cerâmicas maravilhosas, trabalhar metais e fazer jóias finíssimas, adquiriram certo status privilegiado, como provavelmente também o tiveram as pessoas do povo consideradas dotadas para curar, fazer milagres, etc. Ciência, religião e magia não se diferenciavam, mas os possuidores de um conhecimento esotérico — e não estamos falando daqueles diretamente ligados à corte em Cuzco — gozavam de muitas considerações e respeito, que chegavam, às vezes, às raias da reverência. É fácil imaginar a importância que tinham para o povo, homens que conheciam as propriedades medicinais das plantas, ou os cirurgiões hábeis em operações tais como a trepanação de crâneos, a amputação de membros feridos e a sutura de feridas utilizando... formigas. O povo admirava e respeitava aqueles que sabiam acalmar as dores usando a cocaína.

À primeira vista, a imensa massa constituída pelos LLACTA RUNA pode dar a impressão de uma monótona e fantástica uniformização. Um conhecimento mais detalhado indica consideráveis matizes e diferenças que, se não modificam no essencial a condição social, assinalam consideráveis diferenças.

Comércio

Em uma sociedade na qual todos seus membros — pelo menos teoricamente — tinham assegurado sua subsistência, a possibilidade de existência de um comércio (de uma economia mercantil e de um sistema monetário) era praticamente nula. No entanto, existia um certo comércio de bens de luxo, destinados a satisfazer as exigências da corte. Além disso, nos domínios do Inca foram encontrados objetos fabricados nas mais distantes regiões do continente, e isto também aconteceu no sentido inverso. A falta de animais para transporte e de veículos de rodas foi, sem dúvida, um grande obstáculo, mas a navegação foi praticada por populações que viviam próximas aos rios. Como narra o cronista Sarmiento de Gamboa — e isto é tido como certo —, o Inca Tupac Yupanqui, no século XV, teria feito uma viagem pelo Oceano Pacífico até as ilhas da Polinésia. A crônica, com bastante exagero, menciona que 20.000 pessoas acompanharam o soberano, formando uma imensa frota de pequenas embarcações que zarparam do porto de Tumbes.

Desta maneira, ainda que o comércio fosse insignificante, o pouco existente serviu para colocar em contato diferentes civilizações e transmitir conhecimentos.

A Cidade de Cuzco

A atual cidade deste nome foi a capital do Império Inca, e calcula-se que no seu momento de máximo esplendor chegou a ter 200.000 habitantes. Cuzco possuía inúmeros palácios (cada Inca construía um novo para morar), centros de cerimônias, casas de altos dignatários, ruas perfeitamente traçadas, admiráveis aquedutos, locais próprios para cerimônias religiosas e lugares abertos para mercados. Situada a 3.500 metros de altura, a tradição incaica atribui ao Inca Pachacutec a construção racional de uma cidade — sobre um Cuzco preexistente — ordenada urbanisticamente ao redor de uma praça central. Falar da construção maravilhosa e artística que encontramos em Cuzco e em tudo o que pertenceu à civilização incaica, requereria um espaço que não temos. Fazemos uma omissão lamentável, mas necessária. O leitor su-
prirá essa falha se recorrer à bibliografia que fornecemos.

7. QUAL PODERIA TER SIDO O FUTURO

Da mesma maneira que fizemos com as civilizações Asteca e Maia, a pergunta surge inevitavelmente: o que teria acontecido se os espanhóis não tivessem destruído este Império? É óbvio também que esta pergunta não admite respostas. Em todo caso, há indícios de que no momento da conquista começam a surgir elementos de privatização de propriedade da terra. Já vimos que a casta dirigente começa a possuí-la, como também apropria-se de outras riquezas que já enumeramos. Mas, ao mesmo tempo vimos que, pelas leis de herança, a propriedade era dividida entre todos os descendentes, o que faz perder seu significado. Os soberanos Incas estavam, com isso, interessados em evitar a acumulação de riquezas de bens e imóveis em mãos dos seus dignatários? É provável. O monopólio da outorga de dádivas pelos Incas representava um grande poder e uma pressão para que esse poder fosse, de fato, acatado, servindo também de incentivo para que os

dignatários se esforçassem, o máximo possível, em servir aos Incas e obter suas dádivas. A propriedade privada da terra implicava subtrair ao domínio direto do Inca a mão-de-obra que devia trabalhá-la e a apropriação privada do produto.

Ela podia, pois romper o monopólio do Inca da distribuição de dádivas e arrecadar tributos distribuindo-os a seu bel prazer. Em síntese: um determinado grau de independência econômica dos dignatários minorava o poder autocrático e despótico do soberano. A sua total dependência à vontade do representante do sol na terra contribuía para fortalecer esse poder.

A pergunta inicial fica aberta e sem resposta. O que sabemos é o que efetivamente aconteceu. Os atuais descendentes incaicos, da mesma maneira que os descendentes MAIAS e ASTECAS, vivem na miséria e talvez tenham saudades de um passado que, na visão atual, torna-se idílico. Milhões deles falam seus antigos idiomas e reverenciam seus deuses, ainda que frequentemente misturados com o cristianismo que lhes foi imposto. Talvez a única pergunta pertinente seja esta: qual será seu futuro?



Machu-Pichu.